

DOSSIÊ SÉRGIO: *O ATENEU* COMO ROMANCE DE FORMAÇÃO ¹

Danilo de Oliveira NASCIMENTO

RESUMO *Este texto é uma súpula das idéias e premissas fundamentais da Dissertação de Mestrado defendida em março de 2000, na qual o romance de Raul Pompéia é tomado como expressivo Bildungsroman. Apresentamos, portanto, aqui todo o percurso de pesquisa e reflexão teórica, indicando os problemas e as dificuldades de se valer de um “gênero literário” para compreender o universo de um romance.*

ABSTRACT *This is a summary of the ideas and the fundamentaes premises of the mastership work, defend in march 2000, in which Raul Pompéia's romance is faced as na expressive Bildungsroman. We show, therefore, the whole research process and the theoretical reflexion, indicanting the problems and the difficulties of using a litterary “genre” to understand a romance universe*

I

Desde sua publicação em maio de 1888, o romance de Raul Pompéia vem sendo objeto dos mais variados estudos e críticas, recebendo algumas denominações; a mais resistente é aquela que, ainda com o artigo de Mário de Andrade em *Aspectos da Literatura Brasileira* (1974), considera-o um romance naturalista. Além disso, *O Ateneu* já foi denominado romance impressionista, romance autobiográfico, romance memória, romance psicológico e, ainda, romance de solidão; Pompéia, por sua vez, foi tido como um autor sob a influência de Flaubert, dos irmãos Goncourts e adepto da teoria das correspondências de Baudelaire. Mais recentemente estudiosos têm tentado compreender esse romance sob uma perspectiva específica e não menos simples: a da tradição do Bildungsroman.

¹ Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Teoria Literária, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 23 março de 2000, sob a orientação do Prof^o Dr^a Maria Eugênia Boaventura Dias.

Ao adotarmos essa perspectiva pudemos identificar alguns problemas, o principal é que de fato não existe uma teoria sobre essa espécie de “gênero”. Os estudos sobre Bildungsroman analisam aspectos peculiares de romances específicos e os autores desses artigos são unânimes na discussão concernente à denominação do romance de formação como gênero literário, além de salientar que se trata de um tipo de obra que retrata o período da adolescência ou da juventude. Na sua maioria, os estudos sobre romance de formação privilegiam a crítica sociológica, ressaltando a trajetória do protagonista do romance como reflexo de determinado período histórico ou social. Talvez o exemplo mais claro seja o livro de Franco Moretti *The way of the world: the Bildungsroman in the european culture* (1987). Além desses estudos fundamentados em perspectivas crítico-analíticas específicas, é possível encontrar verbetes em dicionários e enciclopédias literárias, ou breves textos em compêndios de teoria literária ou teoria da narrativa, mas de modo geral eles reproduzem a definição clássica de Borchet sobre Bildungsroman:

A representação da afortunada aurora dos dias em que o jovem se inicia na vida, busca espíritos semelhantes ao seu, depara-se com a amizade e o amor, entra em conflito com a realidade que o circunda, amadurece através de experiências diversas, encontra-se a si mesmo e torna-se consciente da tarefa que lhe cabe neste mundo.²

Deste modo são quase inexistentes os textos que indicam elementos ou aspectos de ordem estrutural que caracterizem o Bildungsroman. Jost François, em *La tradition du Bildungsroman*, talvez seja um dos poucos teóricos a tentar solucionar esse problema e indicar algumas de suas marcas ou índices componenciais, mas afirma que se trata de um gênero híbrido, ou seja, um determinado romance de formação pode também ser um romance epistolar, um romance memória, um romance autobiográfico, etc.

Outro teórico é Jürgen Jacobs, que escreveu dois livros considerados divisores de água, *Wilhelm Meister und seine Brüder* (*Wilhelm Meister e seus irmãos* – 1972) e *Der deutsche Bildungsroman* (*O Bildungsroman alemão* – 1989). Neles, o autor admite que só é possível considerá-lo como gênero a partir de um programa básico constituído necessariamente sobre *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, o paradigma do romance de formação.

Na verdade, esse autor alemão tenta (como muitos outros) acabar com uma discussão acalorada que se estende desde a denominação do romance de Goethe como um autêntico (e único?) Bildungsroman. As considerações liberais de Jürgen Jacobs se chocam com as de muitos estudiosos alemães e de alguns germanistas norte-americanos como a de Jeffrey Sammons, que em seu artigo *The mystery of the missing Bildungsroman, or: What happened to Wilhelm Meister's legacy?*, afirma ser insustentável criar um gênero literário a partir de uma (*Meister*) ou duas obras

² Cf. DINARDO MAAS, W.P.M. *O Bildungsroman (romance de formação) como manifestação discursiva*. (tese)

apenas. Além deste argumento, os críticos mais conservadores recorrem à circunstância de criação da palavra Bildungsroman, fortemente ligada à formação da burguesia mercantil da Alemanha do século XVIII. De fato, quando reconhecemos todo o contexto histórico-social que incita a criação do termo³ e também quando constatamos que “romance de formação” não é tradução perfeita de Bildungsroman, parece coerente a posição conservadora de muitos especialistas. Neste empenho em denominar apenas o romance de Goethe como Bildungsroman, os críticos reconheceram e definiram outros dois tipos: o Entwicklungsroman (romance de desenvolvimento) e o Erziehungsroman (romance de educação). Notamos, portanto, que esses outros “rótulos” provocam mais discordâncias entre eles. Em outras palavras, uma obra pode ser considerada Bildungsroman para um crítico, enquanto que outro apenas a qualifica como um romance de desenvolvimento.

Se utilizar o rótulo Bildungsroman já provoca algum tipo de polêmica, usar o vernáculo “romance de formação” também não esclarece muita coisa. Este último termo é muito vago e, portanto, dá margem a uma relativa lista de significações. Romance de formação pode se referir àqueles que dão início à tradição da prosa literária nacional; no caso do Brasil, os romances de José de Alencar, Taunay, Bernardo Guimarães, Macedo, etc⁴; também podem ser conceituados como aqueles que instauram um novo e determinado tipo de discurso e estética literária, o que pode redundar na inovação e renovação da tradição literária. Neste caso salientamos as obras de Mário e Oswald de Andrade. Uma obra pode ser qualificada como romance de formação caso explicito o seu caráter pedagógico, sua finalidade de educar o leitor para a sua própria leitura, constituindo e promovendo, desta forma, um público específico, ou para outras demais finalidades, o que é o caso de *Emílio, ou Da Educação* de Rousseau.

O termo romance de formação sugere a criação de um personagem tipo, ou de qualquer outro aspecto estilístico, constituinte em contínuo reaparecimento, modificação e consolidação nas obras de um mesmo autor. Por último, temos a formação do protagonista, como exemplo, Carlos de Melo da trilogia *Menino de engenho, Doidinho e Bangüê*. Notamos, portanto, que a utilização do vernáculo pode inicialmente não determinar qual a proposta de leitura, mas é preciso observar que essa variação de sentidos comporta sempre um objetivo específico formador que destaca ora a obra, ora o leitor, ora o autor, ora o protagonista.

Diante disso, *O Ateneu* pode ser classificado como romance de formação sob várias perspectivas. Nossa proposta de trabalho, no entanto, restringiu-se a considerá-lo a partir da tradição do Bildungsroman clássico, hipótese inicial e argumento aparentemente redundante: *o romance de formação O Ateneu a partir da tradição do Bildungsroman clássico*. Ao recorrermos à tradição do Bildungsroman,

³ Recomendamos a leitura da tese de Doutorado defendida na USP, cujo título e autora estão indicados na nota anterior.

⁴ Cf. Antônio Cândido. *Formação da literatura brasileira*. Vol II.

já delimitamos os nossos objetos de estudo: o protagonista e a sua trajetória formativa. Em certos momentos, fizemos até menção a outros elementos que constituem e formam o romance de Pompéia; no entanto, na sua origem, o Bildungsroman clássico os privilegia, e são eles mesmos características diferenciadoras do gênero. Utilizar o termo alemão significou, portanto, não apenas uma simples apropriação, mas a definição dos interesses e dos objetivos do trabalho. O adjetivo “clássico” também reforça tal perspectiva e interesse, uma vez que a partir do século XX tornou-se prática comum de alguns críticos denominar Bildungsroman não somente aquelas obras que retratam a trajetória e o desenvolvimento de um adolescente ou de um jovem, mas de uma personagem de qualquer faixa etária. Como exemplo, no Brasil temos os casos de *O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros*, de Cristina Ferreira Pinto, ou *Jorge Amado e o Bildungsroman proletário*, de Eduardo de Assis.

II

A incorporação do termo Bildungsroman pelo léxico brasileiro, sua utilização pela crítica literária nacional e a denominação de *O Ateneu* como um romance de formação se devem graças ao *Dicionário de termos literários* de Massaud Moisés, apesar de Wilma Dinardo Maas considerar a conceituação fornecida pelo dicionário bastante generalizante e seguindo a linha das enciclopédias alemãs⁵. A observação dessa autora apenas indica sutilmente a indisposição de muitos teóricos quanto à apropriação e à utilização daquele termo e de sua compreensão como gênero literário.

Para além de especulações de ordem restritivamente literária, Fredric Jameson vê nessa apropriação, tanto do padrão interpretativo quanto do narrativo, o sinal de sua *consagração multinacional*. O Bildungsroman (*espectro do mundo*) traz em si a velha angústia de valores importados sobre a *mimesis* da subjetividade ou da mentalidade individualista. Dessa forma, o crítico marxista concebe o Bildungsroman e outras formas literárias como *máquinas para produzir subjetividade, máquinas deiseñadas para construir sujeitos centrados*.⁶ Assim, a explicação quanto à bem-sucedida apropriação dessa espécie de romance como modelo narrativo nos países do Terceiro Mundo deve-se à importação e à influência de um discurso político e ideológico de cunho imperialista com a finalidade de construir uma mentalidade burguesa sob a perspectiva do Ocidente europeu.

⁵ Cf. DINARDO MAAS, W.P.M. *O Bildungsroman (romance de formação) como manifestação discursiva*. (tese), p. 398.

⁶ Cf. JAMESON, Frederic. De la sustitucion de importaciones literarias y culturales en el Tercer Mundo: el caso del testimonio. In: *Revista de critica literaria latinoamericana*. N° 36, p. 120.

A indicação de *O Ateneu*, juntamente com outras obras brasileiras e portuguesas, é de fato a confirmação desse fenômeno, de outro modo é evidente que o autor não utilizou o Bildungsroman (*Meister*, Goethe) como padrão narrativo. No entanto, do ponto de vista da historiografia literária encontramos alguns textos da fortuna crítica de Raul Pompéia que salientam alguns componentes básicos do romance de formação.

O texto que anuncia a publicação da obra em folhetim pelo jornal *A Gazeta de Notícias* destaca-se como um dos fundamentais para a sua compreensão e a refutação de algumas teses e premissas consolidadas até hoje. O autor parece ter sido Raul Pompéia que diz tratar-se de um romance escrito por um rapaz no pleno desenvolvimento de sua razão, memórias de um internato moderno e crítica do que foi visto e do que lhe ensinaram.⁷ Ainda no século XIX, podemos encontrar alguns textos de Araripe Júnior publicados no jornal *A Novidade* que salientam a trajetória formativa do protagonista: *a evolução psíquica de um indivíduo, o crescimento de uma alma; as quedas e os retrocessos de um temperamento(...) à evolução do caráter de Sérgio. A marcha progressiva da puberdade (...) a crítica desse desenvolvimento (...)*⁸

No século XX, além do verbete de Massaud Moisés, encontramos alguns críticos que relacionam direta ou indiretamente o romance de Pompéia à tradição do Bildungsroman⁹. Na tese de doutoramento *L'enfant de Jules e O Ateneu de Raul Pompéia* (1983), por exemplo, Durval Ártico considera *O Ateneu* como Bildungsroman (romance de formação) *no qual assistimos ao acheminement d'un être vers as forme adulte, au contact d'une société*¹⁰.

Apesar de não utilizar o termo Bildungsroman, Alfredo Bosi em *Céu, inferno é outro crítico* a considerar a obra como *romance pedagógico, ou de terror*¹¹. Ao contrário, em artigo publicado pela revista *Remate de males* (1995), Fábio Lucas denomina *O Ateneu* como o nosso Bildungsroman de maior expressão nacional, o qual relata as primeiras experiências discentes do narrador, comenta sua educação pedagógica e sentimental e pode servir de material para o estudo do cotidiano do Segundo Império, *portanto, autêntico romance de aprendizagem ou de desenvolvimento(...) em que o homem se forma, expõe a caminhada interior percorrida pelo narrador, enquanto realiza o progresso do personagem*¹².

⁷ Apud PONTES, p. 190.

⁸ Cf. BOSI, Alfredo. (seleção e organização) *Araripe Júnior: Teoria, crítica e história*, passim.

⁹ Acreditamos na existência de outros estudos, mas selecionamos apenas os oficiais e/ou os mais circulados.

¹⁰ P. 117.

¹¹ Cf. P. 37 do livro citado.

¹² Cf. FÁBIO LUCAS. As várias faces de Raul Pompéia. In: BOAVENTURA, Maria Eugênia e LEVIN, Orna Messer (orgs.). *Remate de males*. Nº 05, pp.17-8.

O artigo brevemente oferece certos conceitos tradicionais sobre romance de formação, os quais sustentam sua posição a respeito do romance de Pompéia, como também utiliza formação/desenvolvimento/aprendizagem como sinônimos, fato muito comum entre os críticos de posição mais flexível e em contraponto aos conservadores.

III

É importante ressaltar que a indicação e os comentários dessas fontes aliadas a aspectos estritamente textuais do romance de Pompéia corroboram para sua leitura e análise como Bildungsroman. Ao considerarmos o enredo de *O Ateneu*, é possível identificar alguns componentes do programa básico do romance de formação clássico: o desejo do protagonista pela definição da sua individualidade, a substituição da casa paterna pelo universo formativo (o internato), a clara identificação de um percurso formativo, o encontro com tutores, guias, companheiros de destino.

Além desses componentes, compreendemos que a obra comporta sua teoria sobre romance de formação. Nesse sentido a narrativa do período de internato de Sérgio criança oferece “ilhas ensaísticas”¹³ ao leitor, ou seja, pequenas dissertações ou argumentações sobre determinados assuntos que surgem durante o ato narrativo: os discursos do Dr. Cláudio sobre a condição social e política do Brasil; o sentido e a função do internato na formação do caráter do indivíduo; o discurso do professor Venâncio sobre o sentido e a função gloriosa da educação moral e intelectual; o discurso do Dr. Aristarco sobre o seu código moralizador; a missiva enviada pelo pai, de Paris, dissertando sobre a função e a influência do tempo na formação do caráter, e, finalizando, as sentenças do narrador sobre alguns momentos marcantes de sua experiência de mundo. De certa forma, a trajetória escolar e o caráter do protagonista se fundamentam nessas teorias.

Também é possível enfatizar os últimos momentos da narrativa de um Bildungsroman tentando confirmar ou refutar nossa hipótese: o protagonista realmente se forma? Qual a sua imagem (final) no suposto romance de formação?

Os especialistas em Bildungsroman costumam oferecer duas respostas básicas. Franco Moretti (1997), por exemplo, afirma que o término dos anos de aprendizado é adequação do herói ao universo formativo, ou a sua socialização através da capacitação ou especialização profissional, ou ainda do seu casamento. Isto deve resultar no equilíbrio sujeito/meio social. O romance *O Ateneu* representa, na verdade, o fracasso da adaptação. Sérgio criança desconhece que o ritmo, o cotidiano do colégio interno; os colegas, os professores e até Aristarco viviam sob o

¹³ Cf. IVO, Lêdo. Raul Pompéia: o desastre universal. In: *Teoria e celebração*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

signo da “vida dupla”, da camaradagem íntima de duas personalidades e caracteres. Na verdade, o Dr. Cláudio anuncia em um de seus discursos que a sobrevivência do indivíduo no meio depende da adaptação às suas imposições.¹⁴

Jost François, por sua vez, entende a narrativa do romance de formação apenas como retrato de um período de transição: a infância, a adolescência e a juventude, ou ainda uma viagem formativa. Para ele, não é o objetivo do autor desenhar a imagem formada do protagonista, mas salientar as diversas etapas e as possíveis mudanças ocorridas em seu caráter e na sua relação com o mundo circundante; portanto, o Bildungsroman celebra o *open end* (final aberto), e, do ponto de vista da narrativa, trata-se de um preâmbulo ou de um pré-romance.¹⁵

Considerando essas duas perspectivas, concluímos que ambas são coerentes e adequadas. O incêndio do colégio interno não pode ser tomado como o fim do romance, mas como o fim dos anos de aprendizado de Sérgio criança no internato. O período recordado representa dois anos na vida de um sujeito que acaba de entrar na adolescência (13 anos). Em princípio não sabemos mais nada da trajetória de Sérgio, ou melhor, da sua trajetória formativa “pós-Ateneu”, de seu desenvolvimento e amadurecimento. Esse fim do colégio, da trajetória formativa no colégio e suposto fim do romance provoca uma sensação de coisa mal resolvida, incompleta, o que sob os parâmetros do Bildungsroman é muito significativo e esclarecedor. A importância da obra é a representação da progressão dramática da intriga, o acúmulo de episódios mais ou menos desligados. Assim, Vítor Manuel observa que o autor de Bildungsroman tem como propósito, *ao construir sua obra, traduzir o próprio ritmo da temporalidade em que se processa a formação do herói*.¹⁶

Ao final da narrativa e ao final de seu período de “aprendizagem” no internato, encontramos um adolescente com sarampo, sendo cuidado por D. Ema, que em certo momento o leva até a janela lhe apresentando um novo mundo. Após seu restabelecimento, Sérgio alcança, de certa forma, o que sempre buscou: ser aclamado a Glória do Ateneu (ironia de Pompéia), conforme prenúncio de Aristarco ao lhe ser apresentado. A última vez que vemos o menino no romance, ele está em cima do terraço de mármore de outão contemplando a destruição do colégio interno e a multidão que se aglomerava embaixo.

Aquela imagem estática do protagonista poderia ser um grande reforço para outras teses a respeito do romance de formação. Além de representar apenas uma etapa de transição, ou a trajetória formativa, o Bildungsroman designa-se também como um roteiro para a autolegitimação. Para Brito Broca, o término de *O Ateneu* é uma imensa desilusão: Sérgio criança não encontra nem o amor nem a amizade¹⁷. De fato não os encontra, apesar de ter tido várias oportunidades durante seu período

¹⁴ Cf. POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*, p.144.

¹⁵ Cf. *La tradition du Bildungsroman*. In: Comparative literatura, p.99.

¹⁶ Cf. *Teoria da literatura*, pp.730-1.

¹⁷ Cf. *Raul Pompéia*, p.42.

de internato. O biógrafo, no entanto, desconsiderou o desejo do protagonista: definir sua individualidade, inicialmente, e logo a seguir tornar-se um dos ou o principal aluno exemplar do colégio interno.

Deste modo, partindo do desejo do protagonista pelo aprendizado e pela formação podemos chegar a alguns esclarecimentos. A trajetória de Sérgio apenas confirma a expectativa de toda uma coletividade: estudar em um colégio de elite, e reforça a manutenção e a consolidação de um padrão de índole e caráter cuja fonte é o pai. Sérgio reproduz dentro do colégio interno o mesmo comportamento e as mesmas atitudes da casa paterna: é um menino solitário e vê todos aqueles que o cercam como os seus queridos pelotões de chumbo que controlava e manipulava para tentar alcançar a obsessão que lhe é infligida: ser a Glória do Ateneu. O término do romance de Pompéia não é uma decepção, é legítimo, ou uma legitimação de Sérgio criança/adulto.

Os desejos e expectativas do pré-adolescente reproduzem as expectativas alheias e a elas se conformam. Disto resulta a dificuldade de traçar um único contorno de Sérgio criança: ele é dependente e devoto da imagem paterna, possui e expressa características típicas da idade (deslumbramento, ingenuidade, etc.); um apêndice da individualidade de Aristarco, quando pensamos que o cumprimento de seu código moralizador e de seus métodos de ensino objetivam a sua autoglorificação e glorificação diante da sociedade; portanto, patrimônio do colégio interno, ou peça de uma grande “engrenagem social”. Podemos também deslumbrá-lo como um híbrido de menino e homem, conforme posição de Eugênio Gomes¹⁸. Sérgio criança pode ainda ser tomado como “eixo” ou “ponto de referência” do universo formativo, recurso na revelação das várias realidades do mundo prenunciado pelo escritor, e também possivelmente seu *alter ego*.

A origem ou fonte dessas variáveis de caráter está diretamente ligada a algo fundamental na composição do romance: o foco narrativo. A narração em primeira pessoa, a denominação da obra como romance memória ou autobiográfica, faz fundir todas as definições de Sérgio, mas sobretudo aquela indicada por Eugênio Gomes. No discurso narrativo, portanto, podemos notar características do emissor: adulto/ formado, moralista, cético, autoritário, paternalista, entre outros.

Essa dissociação/aglutinação de Sérgio criança/Sérgio adulto nos remete imediatamente àquela relação entre diegese/discurso narrativo e nos auxilia na configuração de ambos: um menino que sofre um trauma cultural em um meio hostil¹⁹. Em síntese: um pobre diabo, quando focalizamos apenas o enredo. Por outro lado, o foco narrativo em primeira pessoa indica a existência de um adulto que manipula suas recordações do internato para reconstruí-lo da sua forma e de acordo com os seus interesses sociais ou literários. Podemos concluir, portanto, que Sérgio

¹⁸ Cf. *O romance brasileiro*, p. 150.

¹⁹ Cf. MAZZARI, Marcus Vinícius. Representações literárias da escola. In: *Revista de Estudos Avançados*. p.223.

apreende e aprende o que houve de melhor no internato: seduzir (manipular), maldizer e aterrorizar através da retórica e da eloquência.

Deste modo, Sérgio condena sua existência ao colégio interno, ou à recordação da sua existência ali. O indivíduo “é” somente no Ateneu, e o narrador adulto tem sua existência apenas através de sua “escrita assassina” que deforma e tenta destruir a narração do período de internato. Percebemos, portanto, um certo significado sadomasoquista à evasão²⁰. Em *O Ateneu*, recordar para deformar e destruir é prender-se continuamente, e é também se limitar à própria manifestação e revelação do universo formativo. Um outro é o que já indicou Maria Luiza Ramos, contraponto ou não da posição de Araripe Júnior: trata-se de um narrador emocionalmente fixado na infância.²¹

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR e SILVA, V.M. (1969). *Teoria da literatura*. Coimbra: Almedina.
- ANDRADE, Mário de. (1973). O Ateneu. In: *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins.
- ÁRTICO, Durval. (1983). *L'enfant de Jules Vallés e O Ateneu de Raul Pompéia: do foco narrativo à crítica social*. São Paulo: USP, (tese).
- BOAVENTURA, Maria Eugênia e LEVIN, Orna Messer. (org.). (1995). *Remate de males*. Campinas: Unicamp, Vol 15, nº 05.
- BOSI, Alfredo. (org.) *Tristão de Alencar Araripe Júnior: Teoria, crítica e história literária*. RJ, SP, LiC/Edusp.
- _____. (1988). O Ateneu, opacidade e destruição. In: *Céu, inferno*. São Paulo: Ática.
- BROCA, Brito. *Raul Pompéia*. São Paulo: Edições Melhoramentos, s/d.
- DINARDO MAAS, Wilma Patrícia Marzari. (1996). *O Bildungsroman (romance de formação) como manifestação discursiva*. São Paulo: Usp, (tese).
- JOST, François. La tradition du Bildungsroman. In: *Comparative literature*. Vol 11, n° 02, pp.97-115.
- LUCÁKS, Georg. *A teoria do romance*. Lisboa: Presença, s/d.
- MAZZARI, Marcus Vinícius. (1997). Representações literárias da escola. In: *Revista de Estudos Avançados*. (USP): Nº 31, v. 11, set-dez.
- MORETTI, Franco. (1987). *The way of the world: the bildungsroman in the european culture*. London: Verso.

²⁰ Cf. RAMOS, Maria Luiza. *Estética e psicologia de Raul Pompéia*. (tese), 1957.

²¹ Ibid.

- RAMOS, Maria Luíza. (1957). *Psicologia e estética de Raul Pompéia*. Belo Horizonte. Universidade Federal de Minas Gerais (tese).
- SANTIAGO, Silviano. (1978). O Ateneu: contradições e perquirições. In: *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva.